

Enunciação e interação: diálogo entre a teoria bakhtiniana e a Pragmática

Enunciation and Interaction: a dialogue between the bakhtinian theory and Pragmatics

João Batista Costa Gonçalves¹

Benedita França Sipriano²

Resumo

A Pragmática trabalha os fatos linguísticos como produção social, pois está voltada para o estudo da linguagem em uso. Este artigo objetiva estabelecer um diálogo entre a teoria bakhtiniana e a Pragmática, aqui trabalhada em uma vertente que a considera como a ciência do uso linguístico, cujos principais representantes são L. Wittgenstein e J.L. Austin. Tomamos como ponto de partida para a construção desse diálogo os conceitos de *enunciação* e *interação* na teoria bakhtiniana, em especial a partir de Bakhtin/ Volochínov (1990), Bakhtin (2006), Wittgenstein (1999) e Austin (1990). Bakhtin/ Volochínov (1990) trabalham com uma visão interacionista de linguagem e consideram que a interação entre sujeitos históricos se materializa por meio da enunciação. Nessa perspectiva, o conceito de enunciação assinala o caráter pragmático do pensamento bakhtiniano, pois considera, além dos elementos linguísticos, o contexto social mais amplo, a interação entre os usuários da língua. Bakhtin, J.L. Austin e Wittgenstein desenvolvem suas reflexões sobre a linguagem em oposição a tradicionais concepções, nas quais predominava o caráter instrumental da linguagem. Segundo esses autores, as manifestações linguísticas se efetivam a partir das relações entre a situação concreta de troca linguística e os elementos extralinguísticos. Nesta perspectiva, tanto a teoria bakhtiniana quanto a Pragmática consideram que o sentido das palavras é construído nas mais diversas situações de uso da linguagem, a partir de sua historicidade. Dessa forma, um dos princípios em comum entre a teoria bakhtiniana e os estudos pragmáticos é o fato de a linguagem ser trabalhada em uma perspectiva interacionista e histórica.

Palavras-chave: Enunciação. Interação. Pragmática. Teoria bakhtiniana.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE (Universidade Estadual do Ceará).

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE (Universidade Estadual do Ceará). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa UECE (Universidade Estadual do Ceará).

Contatos: jbcgon@ig.com.br, beneditasipriano@gmail.com

Abstract

Pragmatics deals with the linguistic facts as a social production, because it is focused on the study of the language in use. This paper aims to establish a dialogue between the Bakhtinian theory and Pragmatics, following a line which considers pragmatics as the science of the linguistic use, whose main representatives are L. Wittgenstein and J.L. Austin. We take as a starting point for the construction of this dialogue the concepts of *enunciation* and *interaction* in the Bakhtinian theory, especially from Bakhtin/Volochinov (1990), Bakhtin (2006), Wittgenstein (1999) and Austin (1990). Bakhtin/Volochinov (1990) work with an interactionist view of the language and consider that the interaction among historical subjects is materialized through enunciation. In this perspective, the concept of enunciation marks the pragmatic character of the Bakhtinian thought, because it considers, in addition to the linguistic elements, the broader social context, the interaction among language users. Bakhtin, J. L. Austin and Wittgenstein develop their reflections about language in opposition to traditional concepts, in which the instrumental character of the language prevails. According to these authors, the linguistic expressions become effective from the relationship between the actual situation of linguistic exchange and the extra linguistic elements. In this perspective, both the Bakhtinian theory and Pragmatics consider that the meaning of words is constructed in the several situations of language use, from its historicity. Therefore, one of the common principles between the Bakhtinian theory and pragmatic studies is the fact that the language is dealt with in a historical and interactionist perspective.

Keywords: Enunciation. Interaction. Pragmatics Bakhtinian theory.

Introdução

“Acho que Bakhtin foi um pragmático”. Essa fala foi proferida por Jacob L. Mey³ ao responder um questionamento a respeito da relação entre o pensamento bakhtiniano e a Pragmática, em curso sobre Análise de Discurso e Pragmática⁴.

A voz de Jacob Mey serve-nos como ponto de partida para nossa reflexão acerca dessa relação. Surgem, assim, alguns questionamentos iniciais: a) Em que

³ Dr. Jacob. L. Mey é professor emérito do Instituto de Linguagem e Comunicação da Universidade do Sul da Dinamarca.

⁴ O Curso “Análise de Discurso e Pragmática” foi ministrado por Jacob L. Mey, em Fortaleza-CE, em novembro de 2012. O evento foi promovido pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

medida Bakhtin foi um pragmático? ; b) Que princípios da teoria bakhtiniana⁵ dialogam com os pressupostos da Pragmática?

Nesse sentido, para mobilizarmos esse debate, tomamos como fio condutor os conceitos de *enunciação e interação*⁶, no pensamento bakhtiniano, observando o diálogo possível de se estabelecer entre Bakhtin e a Pragmática, aqui trabalhada em uma perspectiva que a compreende como “a ciência do uso linguístico” (PINTO, 2004, p.47), cujos principais representantes são L. Wittgenstein e J.L. Austin.

1 Sobre a Pragmática

Conforme Pinto (2004), os estudos pragmáticos trabalham a linguagem a partir dos conceitos de sociedade e comunicação, os quais haviam sido relegados pela Linguística saussureana. Assim, a Pragmática não estuda os fatos linguísticos isolados de sua produção social, pois está preocupada em explicar a linguagem em uso.

Entretanto é importante destacar que esse conceito de Pragmática é relativamente recente se considerarmos o panorama de desenvolvimento de estudos da área. De acordo com Levinson (2007), o uso moderno do termo *pragmática* pode ser atribuído a Charles W. Morris, que identificou três ramos de investigação de uma ciência dos signos: *sintaxe* (relação formal entre os signos), *semântica* (relação dos signos com os objetos aos quais são aplicáveis) e *pragmática* (relação dos signos com os intérpretes). Essa distinção é retomada pelo filósofo alemão Rudolf Carnap, que define o campo da pragmática como aquele em que há referência aos falantes, ou usuários, da linguagem.

⁵ Conforme Brait (2009), “o que hoje se denomina pensamento bakhtiniano (é) constituído não somente pelos escritos de Mikhail Mikhalovich Bakhtin (1895-1975), mas também pela produção de intelectuais de diferentes áreas que com ele participaram, nas *Rússias* compreendidas entre os anos 1920 e 1970, de vários e produtivos *Círculos* de discussão e construção de uma postura singular em relação à linguagem e seus estudos” (BRAIT, 2009, p.9).

⁶ Os conceitos de *enunciação e interação* serão trabalhados, neste artigo, a partir de Bakhtin/Volochínov (1990) e Bakhtin (2006).

Marcondes (2005)⁷ destaca que há duas linhas de desenvolvimento da Pragmática na Filosofia da Linguagem. A primeira a considera uma extensão da semântica, assim a Pragmática trataria, em especial, de fenômenos como a dêixis. O significado das expressões, nessa perspectiva, depende do contexto em que são empregadas. A segunda linha de desenvolvimento da Pragmática considera que o significado é determinado pelo uso. Nesta perspectiva, acrescenta-se à ideia de contexto o pressuposto de que a linguagem é uma forma de ação sobre o mundo e não apenas uma descrição da realidade. Marcondes (2005) afirma que a segunda linha é representada por teóricos como Wittgenstein, que trabalha com uma concepção de significado como uso, e J.L. Austin, que propõe uma análise da linguagem como forma de ação, a partir da sua Teoria dos Atos de Fala.

Na obra *Investigações Filosóficas* (1999), Wittgenstein questiona a concepção objetivista da linguagem, que a reduz à sua função designativa. Esse pensador destaca que as palavras são utilizadas com objetivos específicos, que não se restringem a descrição e nomeação da realidade. Assim, o significado não é fixo, invariável, pois é construído a partir do uso em diferentes contextos. Wittgenstein considera a linguagem como uma forma de vida, uma ação da prática social, que se efetiva nos mais diversos jogos de linguagem.

O conceito de jogo de linguagem pretende acentuar que, nos diferentes contextos, seguem-se diferentes regras, podendo-se, a partir daí, determinar o sentido das expressões linguísticas. [...] o sentido das palavras e frases só pode ser resolvido pela explicitação dos conceitos pragmáticos (OLIVEIRA, 2001, p. 139).

Nesse sentido, o significado das palavras é construído a partir dos diferentes jogos em que são empregadas, os quais são regidos por regras de uso que definem o que é ou não aceito. Para Wittgenstein, o significado não é uma entidade abstrata, imanente à palavra. “Todo signo sozinho parece morto.

⁷ Marcondes (2005) apresenta o percurso de constituição da Pragmática no campo dos estudos da linguagem, desde a distinção entre sintaxe, semântica e pragmática (Morris, Carnap), passando pela concepção de significado como uso (Wittgenstein), a Teoria dos Atos de Fala (Austin, Searle), as implicaturas conversacionais (Grice), até a Teoria da Ação Comunicativa (Habermas) e a discussão acerca da Ética do Discurso (Karl Otto Apel). Neste trabalho, trataremos apenas das teorias formuladas por Wittgenstein e Austin.

O que lhe dá vida? - No uso, ele vive” (WITTGENSTEIN, 1999, p.129). Fabrício (2006) destaca que, nessa perspectiva, “o sentido, assim, não é algo que acompanha a palavra, pois uma palavra só se torna significativa no seu uso [...]. a significação não é algo anterior às práticas discursivas vigentes em uma comunidade das quais aprendemos a participar” (FABRÍCIO, 2006, p.57).

J. L. Austin desenvolveu a Teoria dos Atos de Fala, a qual propõe uma análise sistemática do uso da linguagem⁸. Nesta concepção, a linguagem é compreendida como uma forma de ação, ou seja, essa abordagem não se restringe a uma visão tradicional de significado, limitada ao valor de verdade das sentenças. Conforme Oliveira (2001)

A tese de Austin é fundamentalmente a de Wittgenstein, ou seja, a linguagem é essencialmente uma ação social: linguagem e sociabilidade se imbricam mutuamente de tal modo que a linguagem forma o horizonte a partir de onde os indivíduos exprimem a realidade. (OLIVEIRA, 2001, p.165)

A obra *Quando dizer é fazer* (1990)⁹ reúne os principais fundamentos da teoria formulada por J.L. Austin. No livro, Austin apresenta uma distinção inicial entre enunciados *constatativos* (aqueles que descrevem ou relatam um estado de coisas) e *performativos* (aqueles que realizam ações). Entretanto, surge o seguinte questionamento: como seria possível essa distinção se “o performativo realiza uma ação através de um enunciado, que é a realização de um ato de fala [...]?” (OTTONI, 1998, p.36).

Ao longo das conferências, reunidas em *Quando dizer é fazer*, o próprio Austin questiona e supera a distinção *constatativo-performativo*, uma vez que todo ato de fala é uma forma de agir sobre o mundo. Nesse sentido, Austin propõe que sua visão performativa seja estendida para toda a linguagem.

Austin (1990) considera que o ato de fala se desdobra em três tipos, os quais estão integrados e articulados: *locucionários* (corresponde ao ato linguístico em si, aos procedimentos empregados para expressar determinadas palavras em uma certa gramática), *ilocucionários* (corresponde à posição do

⁸ A Teoria do Atos de Fala, de J.L. Austin, é, posteriormente, desenvolvida por J.R.Searle que elaborou uma proposta de classificação dos atos ilocucionários.

⁹ O livro reúne 12 conferências proferidas por J. L. Austin, na Universidade de Harvard, em 1955.

locutor em relação ao que diz/ à força que o enunciado produz, por exemplo, perguntar, pedir, ameaçar) e *perlocucionários* (efeito produzido no interlocutor, tais como, persuadir, agradar, surpreender). Vale destacar que, para Austin, não se tratam de três atos distintos, mas de três dimensões de um mesmo ato de fala. Neste sentido, a análise da linguagem humana tem como ponto de partida as situações de uso cotidiano. Marcondes (2005) destaca que Austin considera o ato de fala total, a língua em uso, como o fenômeno que a filosofia da linguagem pretende elucidar.

2 Enunciação e interação na teoria bakhtiniana

A enunciação, na teoria bakhtiniana, é de natureza social¹⁰. É a unidade real da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2006). Bakhtin/Volochínov (1990) destacam que as reflexões da linguística tradicional se limitam à enunciação monológica, ao estudo das formas linguísticas isoladas.

A enunciação monológica, fechada, constitui, de fato uma abstração. A concretização da palavra só é possível com a inclusão dessa palavra no contexto histórico real de sua realização primitiva. Na enunciação monológica, os fios que ligam a palavra a toda a evolução histórica foram cortados (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1990, p. 104).

Bakhtin/ Volochínov (1990) trazem a discussão acerca de língua/ fala/ enunciação/interação fazendo um contraponto entre duas orientações de estudo do fenômeno da linguagem: o subjetivismo idealista (ou subjetivismo individualista) e o objetivismo abstrato. A primeira orientação considera que o psiquismo individual é a fonte da língua, ou seja, o fundamento da língua é o ato de fala individual. Assim, a língua é compreendida como uma expressão da consciência do falante, dos seus desejos e suas intenções. O objetivismo abstrato considera que o centro organizador da língua não está na consciência individual, mas em um sistema de formas normativas. Assim, a língua é vista como um sistema imutável de formas linguísticas.

¹⁰ O tradutor Paulo Bezerra ressalta, em nota, no livro *Estética da Criação Verbal* (Bakhtin, 2006), que “Bakhtin não faz distinção entre enunciado e enunciação, ou melhor, emprega o termo *viskázivanie* quer para o ato de produção do discurso oral, quer para o discurso escrito, o discurso da cultura, um romance já publicado e absorvido por uma cultura, etc.” (BAKHTIN, 2006, p. 261).

Ferdinand Saussure, o principal representante da segunda tendência, parte da tríplice distinção linguagem/língua/fala. A língua é definida como o sistema de formas e a fala, como o ato de criação individual. A linguagem é constituída pela língua mais a fala. Segundo Saussure (2006), a linguagem como um todo não poderia ser objeto da linguística, pois lhe faltam unidade interna e leis específicas. Assim, o ponto de partida da reflexão linguística deve ser a língua, a qual é sistemática, objetiva e passível de análise.

Bakhtin/ Volochínov (1990) destacam que o objetivismo abstrato coloca a língua fora do fluxo da comunicação verbal. “Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se para ele de utilizar as formas normativas [...] num dado contexto concreto” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1990, p.92).

Nesta perspectiva, o conceito de enunciação, na teoria bakhtiniana, é marcado pela historicidade e por sua realização concreta nas práticas sociais. A enunciação se efetiva nas atividades de uso da linguagem e na interação entre falantes. “O discurso só pode existir na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2006, p. 274).

Em resposta ao subjetivismo idealista que compreende a língua como a atividade de um falante individual, isolado, Bakhtin/Volochínov (1990) afirmam que a língua é a atividade de interação verbal entre falantes.

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]. A palavra dirige-se a um interlocutor [...]. Na realidade toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui, justamente, o produto da interação do locutor e do ouvinte. (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 1990, p.112)

Tal perspectiva tem como princípio o dialogismo constitutivo da linguagem, segundo o qual toda fala dialoga com uma precedente e forma um elo na cadeia da comunicação verbal. A concepção de linguagem dialógica, que se efetiva a partir da interação verbal, rompe com uma visão de língua como sistema abstrato de normas ou como mera expressão da consciência individual do falante. A língua, portanto, não é “constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação

verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1990, p.112).

Na teoria bakhtiniana, essa interação entre os falantes é marcada por uma postura ativa (responsiva) na construção dos sentidos em que “cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados da esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2006, p. 297).

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1990, p. 98)

Um dos fatores que distingue o *enunciado* da *oração*, conforme Bakhtin (2006), é exatamente a capacidade de suscitar uma resposta. A oração é definida como a unidade da língua, já o enunciado é a unidade da comunicação discursiva. Conforme Bakhtin (2006), o enunciado é delimitado pela alternância entre os sujeitos discursivos, o que marca a interação e a atitude responsiva dos falantes. O autor destaca, ainda, que a oração, ao contrário do enunciado, não dispõe de plenitude semântica, não estabelece contato com a situação extraverbal e não possui relação com outros enunciados. “Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2006, p.297).

3 Diálogo entre a teoria bakhtiniana e a Pragmática

Bakhtin/ Volochínov (1990) enfatizam que a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. Nesse sentido, essa interação entre sujeitos históricos se materializa por meio da enunciação. Assim, o estudo da língua se dá a partir das relações entre a situação concreta de troca linguística e os elementos extralinguísticos, o contexto social mais amplo.

Os enunciados não coincidem com sua constituição puramente verbal (em sentido estrito), pois são impregnados de não-ditos. A face extraverbal, situação e condição necessária do desenvolvimento ideológico do enunciado, corresponde ao espaço e tempo do acontecimento, ao objeto ou tema do enunciado e às posições assumidas pelos interlocutores.[...].

Nessa perspectiva, o verbal e o extraverbal estão articulados no enunciado, indicando que toda dimensão verbal é heterogênea e constitutivamente ideológica e social. (FLORES, 2009, p.100).

A enunciação pressupõe um contexto que envolve desde a situação linguística até o contexto social, ou seja, uma série de fatores pragmáticos são constitutivos da linguagem. O sentido se constrói a partir de diversas situações de uso. “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1990, p.106). Os enunciados estão situados historicamente, não são manifestações linguísticas desprovidas de dimensão social. Assim, tomando como ponto de partida que a enunciação tem um caráter histórico e, portanto, se efetiva na prática social concreta, a partir da interação entre falantes, o sentido não é dado a priori, ele se constrói a partir da enunciação. Brait (2012) destaca que os conceitos de enunciado/ enunciação na teoria bakhtiniana consideram que a linguagem deve ser “concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos” (BRAIT, 2012, p. 65).

Wittgenstein (1999) também pensa a linguagem a partir de sua historicidade e como uma atividade de interação. “Na práxis do uso da linguagem, um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas” (WITTGENSTEIN, 1999, p, 29). Analisando o pensamento de Wittgenstein, Oliveira (2001) destaca:

A linguagem é considerada na dimensão última de sua realização, isto é, no processo de interação social. Poder usar a linguagem significa, então, ser capaz de inserir-se nesse processo de interação social simbólica de acordo com os diferentes modos de sua realização. (OLIVEIRA, 2001, p. 143).

Assim, a linguagem é uma atividade humana, que se efetiva nos mais diversos contextos de ação. Conforme Oliveira (2001), Wittgenstein questiona as concepções tradicionais de linguagem (designativa/ individualista). De acordo com essas concepções, existe um mundo em si que pode ser apreendido pela razão e comunicado por meio da linguagem. A teoria objetivista possui um caráter reducionista, pois limita a linguagem a uma função: a designativa. Mas, com a linguagem, é possível fazer muito mais que designar e representar

o mundo. Para Wittgenstein, o significado não é uma entidade autônoma, representável e verificável. Oliveira (2001) destaca que o ideal de uma linguagem perfeita manifesta-se como absurdo e esta é a razão da reviravolta metodológica de Wittgenstein. “O ponto de partida, o ponto de referência, o cerne da reflexão linguística de Wittgenstein deixa de ser a linguagem ideal para se tornar a *situação* na qual o homem usa sua linguagem, então o único meio de saber o que é linguagem é olhar seus diferentes usos” (OLIVEIRA, 2001, p.132).

De acordo com Wittgenstein (1999), “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 43). Essa abordagem da significação converge com o conceito de enunciação no pensamento bakhtiniano, pois esta se efetiva a partir de situações concretas de uso da linguagem.

O conceito de jogos de linguagem, central no pensamento de Wittgenstein, também mobiliza vários elementos da enunciação - tal como trabalhada na teoria bakhtiniana -, pois pressupõe a interação entre falantes que utilizam a linguagem em determinados contextos de ação, a partir de diferentes regras de uso. Conforme Fabrício (2006), para Wittgenstein, o significado não é anterior à prática discursiva, não acompanha a palavra, pois é construído no ato de linguagem, em determinada circunstância e contexto de comunicação. A autora enfatiza, ainda, que, nessa perspectiva, os sentidos estão ligados ao modo como as pessoas empregam a linguagem em suas práticas cotidianas.

Austin (1990) também supera a visão representacionista da linguagem e a trabalha como uma forma de ação sobre o mundo. Assim, a linguagem é analisada como uma prática social concreta, que se efetiva a partir da interação entre os usuários da língua. Há, portanto, uma visão interacional de linguagem, tal como trabalhada no pensamento bakhtiniano. O ato de fala se configura a partir da interação entre os falantes, em uma dada situação concreta de uso da linguagem. A linguagem não é vista isolada das práticas sociais, pois é considerada uma forma de ação sobre o mundo. Conforme Marcondes de Souza (1990), uma das principais consequências da concepção de linguagem como forma de ação, trabalhada por Austin, é que se analisa não mais a estrutura da sentença, mas “as condições sob as quais o uso de determinadas expressões linguísticas produzem certos efeitos e consequências em uma dada situação” (MARCONDES DE SOUSA, 1990, p. 12).

4 Considerações finais

Bakhtin, Austin e Wittgenstein tecem suas reflexões sobre a linguagem em contraponto a tradicionais concepções, nas quais predominavam a função designativa, descritiva e o caráter instrumental da linguagem. Nesses autores, as manifestações linguísticas são compreendidas a partir de sua historicidade, do seu uso nas práticas sociais concretas.

O conceito de enunciação assinala o caráter pragmático do pensamento bakhtiniano, pois considera, além dos elementos linguísticos, os fatores extraverbais envolvidos na interação entre falantes que utilizam a língua em diferentes situações de comunicação. A enunciação, portanto, se efetiva nos mais diferentes contextos de uso, o que aproxima essa abordagem da teoria bakhtiniana ao estudo dos atos de fala, de Austin, e dos jogos de linguagem, de Wittgenstein. Nesta perspectiva, para esses autores, o sentido das palavras não reside nelas, nem na consciência individual do falante, pois é construído nas mais diversas situações de uso da linguagem.

Assim, a linguagem não é compreendida como um sistema formal, lógico, pois se constrói a partir do uso efetivo, da atitude responsiva de falantes que interagem em uma enunciação. A respeito da contribuição de Bakhtin para os estudos pragmáticos, Mey (1990) destaca, ao salientar o aspecto dialógico na interação entre os usuários da língua:

A pluralidade de discursos refletindo a complexidade interna de nossa sociedade é o que distingue uma visão pragmática do uso da linguagem de uma mais descritiva, mais tradicional. Discurso, nesse sentido, é, em primeiro lugar, um diálogo entre *usuários*. (MEY, 2001, p.185)

Neste sentido, considerando que a Pragmática se baseia no conceito de linguagem em uso, que se materializa por meio da interação entre falantes, podemos afirmar que o pensamento bakhtiniano, de fato, traz à cena elementos pragmáticos, os quais ficaram, por muito tempo, relegados à margem dos estudos da linguagem. Bakhtin, portanto, dialoga com vários princípios que caracterizam o campo da Pragmática. Dessa forma, é possível apontar como fundamentos em comum entre a teoria bakhtiniana e os estudos pragmáticos o caráter histórico e interacional da linguagem.

Vale destacar, por fim, que este trabalho trata-se de um exercício de reflexão a propósito do rico debate sobre as relações entre o pensamento bakhtiniano e os estudos em Pragmática. Certamente, as reflexões aqui levantadas não esgotam o amplo diálogo que pode ser estabelecido entre essas teorias.

Referências

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahub e Yara Frateschi Vieira. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BRAIT, Beth. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 61-78.
- BRAIT, Beth. Introdução. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-11.
- BEZERRA, Paulo. Introdução. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. IX - XII.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.
- FLORES, V. N. et.al. (Org.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MARCONDES, D. A filosofia de J. L. Austin. In: AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 7-17.
- MARCONDES, D. *A pragmática na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MEY, J. L. *As vozes da sociedade: seminários de pragmática*. Tradução de Ana Cristina de Aguiar. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001.

OTTONI, P. R. *Visão performática da linguagem*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1998.

PINTO, J. P. Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES; Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004. v. 2, p. 47-68.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

Data da submissão: 22/08/2013

Data do aceite: 21/09/2013